



Nossos heróis não morrem, atravessam a *Porta de fogo*

(Notas sobre a representação da morte de Carlos Lamarca no filme de Edgard Navarro)

Maria do Socorro Carvalho¹

Resumo:

Filmado em 1982, *Porta de fogo*, curta-metragem de Edgard Navarro, foi lançado em 1984, após liberação pela censura. O filme trata da morte do guerrilheiro Carlos Lamarca, ocorrida no interior da Bahia, em setembro de 1971. Com abordagem ao mesmo tempo documental e alegórica, a narrativa reconstitui os últimos dias de vida do "capitão da guerrilha", duramente perseguido pelas forças da repressão do regime militar. Num ritual de passagem, o cineasta aproxima, no tempo e no espaço, Lamarca de Lampião, "o rei do cangaço", como símbolos de resistência à opressão e luta por justiça e liberdade. Do ponto de vista cinematográfico, com *Porta de fogo*, Navarro também experimentaria seu próprio rito de passagem, ao evocar Glauber Rocha – morto precocemente em agosto de 1981 – em sua obra referencial sobre o Sertão, *Deus e o Diabo na terra do Sol*, realizada pouco antes do golpe de 1964.

Palavras-chave:

Porta de fogo; Edgard Navarro; Carlos Lamarca; Glauber Rocha.

Abstratc:

Filmed in 1982, *Porta de Fogo (Fire Gate)*, a short film by Edgard Navarro, was released in 1984, after approved by censorship. The film deals with the death of guerrilla member Carlos Lamarca, occured in the interior of Bahia in September 1971. With a documentary and allegorical approach, the film narrative reconstructs the last days of the "guerrilla captain", hardly pursued by the Military Repression. In a ritual of passage, the filmmaker approximates, in time and space, Lamarca from Lampião, "the king of Cangaço", as symbols of resistance to oppression and struggle for justice and freedom. From a cinematographic point of view, with *Porta de Fogo*, Navarro would also experience his own rite of passage, evoking Glauber Rocha -

¹ Pesquisadora de cinema, professora do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens e do Curso de Comunicação Social da Universidade do Estado da Bahia (Uneb). É autora, entre outros trabalhos, dos livros *A Nova Onda Baiana; cinema na Bahia, 1958-1962* (Edufba, 2003) e *Imagens de um Tempo em Movimento; cinema e cultura na Bahia nos Anos JK, 1956-1961* (Edufba, 1999).



who died early in August 1981 – in his reference work of Sertão, *Deus e o Diabo na terra do Sol (Black God, White Devil)*, produced shortly before Brazil's 1964 Coup.

Key words:

Porta de Fogo; Edgard Navarro; Carlos Lamarca; Glauber Rocha.

Esboço aqui algumas considerações acerca da representação cinematográfica do pós-1964 no Brasil a partir do curta-metragem *Porta de fogo*, de Edgard Navarro². Realizado entre 1982 e 1984, o filme é retido pela censura por mais de um ano, já no momento final do regime militar (1964–1985). Ao ser liberado, concorre no Festival de Brasília de 1985, no qual recebe os prêmios de melhor roteiro e melhor filme de curta-metragem.

Vindo de uma rica experiência superoitista nos anos 1970, período em que realiza sua famosa e polêmica “trilogia freudiana” – *Alice no país das mil novilhas* (1976), *O rei do caçaco* (1977) e *Exposed* (1978) –, com *Porta de fogo*, Edgard Navarro rompe com a experimentação anárquica, transgressora e escatológica que caracteriza essa produção em Super-8, e concebe um filme bastante sério, extremamente respeitoso sobre a morte de Carlos Lamarca. Conforme declaração do cineasta, ao se comover até as lágrimas lendo *Lamarca, o capitão da guerrilha*, o livro de Emiliano José e Oldack Miranda, publicado em 1980, decide fazer o filme inspirado na história do ex-capitão do exército, que deserta em 1969 para entrar na luta armada contra a ditadura³.

Lamarca, o capitão da guerrilha é uma reportagem-biográfica sobre os acontecimentos que levaram o guerrilheiro à morte no sertão da Bahia, em

² *Porta de fogo*, Brasil, 1984. Ficção. Colorido. Duração: 21min. Argumento, roteiro e direção: Edgard Navarro. Direção de fotografia: Antônio Carlos Britto. Montagem: José Umberto. Direção de produção: Bárbara Suzarte e Celso Aguiar. Assistente de direção, assistente de câmera e still: Henrique Andrade. Segundo Assistente de câmera: Ricardo Almeida. Técnico de som: Eduardo Ferreira. Assistente de produção: José Araripe Jr. Continuidade: Bárbara Suzarte. Colaboração no roteiro: Dinorath do Valle. Figurino de Lampião: Dada (ex-cangaceira). Créditos: Robério Soares. Elenco: Edgard Navarro, Ricardo Almeida, Celso Aguiar, Pola Ribeiro, José Araripe Jr. E Bertrand Duarte (voz de Lampião). Participação: Henrique Andrade, Sargento Maurício, Francisco, Miguel, Vanderlino, Elias, Alimário, José, Lourival e o povo de Pintada/Ba. Músicas: trechos de *Fantasia leiga para um rio seco*, de Elomar, Banda do Corpo de Bombeiros do Distrito Federal; trechos de *Promessas do Sol*, de Milton Nascimento; pontas de Candomblé da Bahia. Laboratórios: Imagem – Líder; Som – Nel-Som. Inspirado no livro *Lamarca, o capitão da guerrilha*, de Emiliano José e Oldack Miranda. Patrocinado pelo Polo Cinematográfico da Bahia.

³ Ressalte-se que há outro filme também inspirado no livro dos jornalistas Emiliano José e Oldack Miranda, *Lamarca* (Sérgio Resende, 1994).



setembro de 1971⁴. Por meio de pesquisa, documentação e entrevistas com sobreviventes e agentes da repressão, os autores buscaram o homem que “absorveu a tragédia de seu tempo e viveu o drama, todo, de um período em que a tortura e o assassinato político eram métodos considerados normais pelo Estado brasileiro”. (EMILIANO JOSÉ e MIRANDA, 1989, p. 16).

Apresentando um Lamarca pouco conhecido – ao mesmo tempo pai, homem apaixonado, corajoso e frio –, o livro expõe suas ideias acerca da guerrilha naquele contexto, bem como, reconstitui a rede local em torno do “capitão da guerrilha” no interior da Bahia. No prefácio, Raimundo Pereira afirma que, para além do perfil político de Lamarca, o livro “revela a intensa emoção, o amor e a tragédia da vida de alguns revolucionários desse período; e inclui também uma narrativa precisa e dramática do horror desses anos de repressão sanguinária” ((EMILIANO JOSÉ; MIRANDA, 1989, p. 11).

Com *Porta de fogo*, Edgard Navarro vai traduzir em imagens de violência e poesia parte dessa abordagem documental presente no livro, cujo mote para os autores era “o Capitão morreu na caatinga” – a região baiana onde Lamarca se encontrava desde junho de 1971, suas constantes fugas em busca de locais mais seguros, as cartas que escreve à companheira Lara Iavelberg, as fotos mostradas no livro. Além disso, o filme é também uma espécie de “retomada” de *Deus e o Diabo na terra do Sol*, o reconhecido épico de Glauber Rocha sobre o sertão do Brasil, lançado em março de 1964, alguns dias antes do golpe civil-militar. Ao lado dos beatos e cangaceiros dessa obra referencial do Cinema Novo dos anos 1960, Navarro acrescenta o guerrilheiro à galeria de heróis populares da história recente do país.

Tratado sob esse enfoque, *Porta de fogo* pode ser visto como um desvio da norma ou da rota na filmografia iconoclasta de Edgard Navarro, embora se destacasse ao abordar um “tema irrefutável”, já que ele quis fazer um “tributo” a Antônio Conselheiro, a Lampião, o rei do cangaço, que teria sido “desrespeitado” em *O rei do cangaço*, e a Carlos Lamarca, segundo afirmação do realizador ao comentar as origens do seu filme:

⁴ Em 2015, publica-se a 17ª edição do livro, revista e ampliada, com a incorporação de novas descobertas acerca do período, como a revelação de mais detalhes sobre a cirurgia plástica a que o guerrilheiro se submetera, a reconstituição da ação de sequestro do cofre do Adhemar de Barros, além de ter sido corrigida a versão aceita na primeira edição do suicídio de Lara Iavelberg, companheira de Lamarca, que foi assassinada pela repressão policial, em Salvador.



Que homem digno, de respeito, o [Carlos] Lamarca. Che Guevara, quantos outros que estão nesse caminho. É a falange do sangue. Eu lidei com a merda, agora é o círculo do sangue. O Lampião, essa figura que eu desrespeitei lá com o cagaço, vou render um tributo. A Lampião, ao Lamarca, fechando tudo com o Antônio Conselheiro (NAVARRO, 2012).

Nesse filme singular do cineasta da experimentação superoitista (deve-se lembrar que Navarro foi um importante representante da contracultura na Bahia dos anos 1970, como testemunham seus curtas em Super-8), a ideia de transgressão ou de rompimento com a ordem estabelecida se desloca da concepção estética do filme e desliza para a dimensão revolucionária do seu personagem, materializando-se como homenagens diversas – ou tributos para retomar o termo que ele usa – em várias camadas da obra.

Inicialmente, explicita-se a referência ao livro no qual o filme se baseia, valorizando a reconstituição da trajetória do personagem histórico. Daí a parte inicial de *Porta de fogo* ser quase a materialização de imagens descritas no texto: a região da Chapada Diamantina, que foi o cenário da perseguição a Lamarca na Bahia; a vila Buriti Cristalino, onde morava a família de Zequinha, organizadora do esconderijo de Lamarca; o povoado de Pintada, seus arredores e elementos locais, onde ele será morto; a chegada de uma Veraneio, um carro da época, usado largamente pelo DOI-CODI, braço do Exército responsável pela repressão política durante os chamados anos de chumbo do regime militar.

O filme reconstrói ainda as fortes imagens da invasão da casa da família que ajudou a esconder Lamarca, dos assassinatos e da tortura infligida ao pai de Zequinha, o jovem companheiro que acompanha o ex-capitão do exército nos vinte dias de fuga pelo sertão e morre junto com ele.

De forma surpreendente, tanto para o tema como para a filmografia anterior de Edgard Navarro, na fase em que Lamarca está escondido, o filme mostra seu contato com a natureza de modo quase lírico. O guerrilheiro se movimenta ao som de uma música que imita a natureza, ao mesmo tempo em que a natureza compõe elementos dessa música, enquanto ouvimos a narração de suas cartas, em forma de diário, escritas para Lara (onde ele conta sobre seu cotidiano, leituras, notícias escutadas no rádio, da pobreza do lugar, do trabalho com os companheiros na comunidade, dos impossíveis caminhos da luta armada ali, etc.).

Há na reconstrução fílmica desse relato sobre a morte do guerrilheiro uma profunda “reverência por alguém que teve a coragem de pegar em armas”, uma coragem que ele não teve, conforme seu próprio depoimento. Talvez por isso, Edgard Navarro tenha decidido representar ele mesmo o papel de Carlos Lamarca



em *Porta de fogo*. Vale ressaltar o tom místico do cineasta ao falar do filme. Diz ele:

Houve uma coisa mágica: eu tinha a idade do Lamarca, quando morreu. Trinta e três anos. A idade de Cristo. Você agora vai ser esse homem. Você vai morrer na tela para não morrer na vida. Quando fiz a pesquisa, vi que Conselheiro morreu no final de 1897. Lampião nasceu em 1898, em menos de um ano de diferença. E Lampião morreu em 1938, Lamarca nasceu em 1937. Puta que pariu: fecha! Isso me dá certeza de que estou no caminho certo. Essas coisas sempre surgem no processo, para me darem certeza. Isso fala comigo! Um universo paralelo está me dizendo que eu tenho razão, que o caminho está certo. Conselheiro, Lampião, Lamarca (NAVARRO, 2012).

Mas, a grande homenagem do cineasta ao Capitão Lamarca foi fazê-lo atravessar a porta de fogo, levado por Lampião, que por sua vez fora conduzido por Antônio Conselheiro. Ou seja, a morte de Lamarca nessa narrativa de Edgard Navarro transforma o guerrilheiro em herói de uma memória popular, elevando-o à condição de mito ao lado de Lampião e Conselheiro. Nesse ponto, deve-se notar que o filme valoriza a sabedoria popular, que é ainda outra menção importante a *Deus e o Diabo na terra do Sol*.

O tributo maior de *Porta de fogo* a Glauber Rocha, de quem Edgard Navarro é herdeiro direto, e que também morrera precocemente, aos 42 anos de idade, em agosto de 1981, encontra-se no elogio à liberdade. Tanto na defesa da criação de um cinema livre (como foi o de Glauber) quanto na crença da transformação da realidade pela força do mito, do sonho, da poesia, da imaginação e do pensamento crítico, ideias caras ao projeto estético dos dois cineastas. Tudo isso se encontra representado na travessia da porta de fogo, quando o filme abandona o tom documental e se aproxima do delírio glauberiano.

Nessa perspectiva de leitura, pode-se destacar o rico jogo de referências ao longa-metragem de Glauber Rocha presente em *Porta de fogo*. Por exemplo, o ator que faz Lampião, cuja voz é de Bertrand Duarte, cita claramente o Corisco de Othon Bastos, que por sua vez representava também Lampião e a voz do beato; o encontro entre Lamarca e Lampião remete ao encontro entre Corisco e Lampião; a presença errática do beato, representado por Pola Ribeiro (ele também um realizador superoitista), agora sem voz, parecendo ter saído de um filme de Super-8 dos anos 1970⁵.

⁵ Um dado curioso na produção de *Porta de fogo* amplia essa relação entre os dois filmes: o figurino do Lampião de Edgard Navarro foi elaborado por Dada, ex-cangaceira, mulher de Corisco, ambos personagens centrais de *Deus e o diabo na terra do sol*.



Nas sequências finais, o filme de Edgard Navarro ganha o tom épico próximo ao de *Deus e o Diabo na terra do Sol*. No momento imediatamente anterior a ser atingido pelas armas dos assassinos, Lamarca ouve alguém chamar – “Capitão, Capitão...” e descobre que é Lampião, vindo com a missão de prepará-lo para (não) morrer. “Eu vim ajudar vosmecê a passar por aquela porta [de fogo]... Essa porta é alçapão, por trás dela tem um cerco”, diz Lampião a Lamarca. Assim, o Capitão do Cangaço ensina o Capitão da Guerrilha a sair do corpo antes da morte para continuar enxergando as coisas do mundo, “esperteza” que seus algozes desconhecem, e que ele próprio tinha aprendido com Antônio Conselheiro.

Com essa metáfora de transcendência, na linhagem de Antônio Conselheiro e Lampião, Edgard Navarro eleva Carlos Lamarca à condição de mito revolucionário, que viverá para sempre na memória popular. Como representante de uma multidão anônima que lutou e deu sua vida por um ideal nobre, Lamarca seria mais um herói que não morreu, mas que apenas atravessou a porta de fogo.

Ao final, não permitindo que os espectadores esquecessem os horrores da ditadura, o filme volta ao viés documental para mostrar Lamarca e Zequinha, já mortos, sendo jogados ao chão. A imagem colorida do filme se funde com a imagem do registro fotográfico em preto e branco, feito em agosto de 1971, enquanto ouvimos as palavras do comandante da operação militar, ao comemorar o feito de ter sido o bem sucedido caçador do guerrilheiro mais procurado pelas forças da repressão: “Eu matei ele, eu matei ele, alagoano é foda, alagoano é foda!”.

Corta. Vê-se na tela fotos de um jornal, cuja manchete em letras garrafais sobre uma foto de Lamarca diz: “Terror morre com Lamarca”. Em seguida, mostra-se uma capa da Revista Veja, vermelha, com as mesmas letras garrafais grafando a palavra Morto, ao lado de uma foto do guerrilheiro.

Nessa pequena joia que é *Porta de fogo*, filme pouco explorado na filmografia de Edgard Navarro, apresentam-se, portanto, várias dimensões de uma história complexa que, para além do cinema, parece ainda querer nos rondar. Talvez um passado que insiste em não passar.

Referências

DEUS e o Diabo na terra do Sol. Glauber Rocha, Brasil, 1964.

EMILIANO JOSÉ e MIRANDA, Oldack. **Lamarca, o capitão da guerrilha**. 11ª edição. São Paulo: Global, 1987.

NAVARRO, Edgard. Entrevista a Andrea Ormond (08 out. 2012).

Disponível em:

<<http://estranhoencontro.blogspot.com.br/2012/10/biografia-entrevista-edgard-navarro.html>>.

Acesso em: 10 jul. 2016.

PORTA de fogo. Edgard Navarro, Brasil, 1984.